

Anistiado político: CRISTIANO RODRIGUES TEIXEIRA DA SILVA

Data de nascimento: 25/08/1942

Fui um militante religioso radical, nasci e me criei na Igreja Metodista. Meu pai tinha curso superior de Teologia e era médico. E nós protestantes na década de 40, 50 e 60, éramos minoria, eu tenho essa vocação para minoria.

A outra militância política foi a militância partidária, nós éramos Pcdistas. Pedro Loudovico, um homem mais moderno, mais renovador. Lutamos pela eleição de Mauro Borges em 1960 que foi uma mudança expressiva na política, na forma de governar e estruturar Goiás, tentando quebrar as oligarquias da época.

O CONTATO COM A ESQUERDA

Foi na luta pela legalidade quando Jânio Quadros renunciou, em 1961. Nós já tínhamos uma grande simpatia por João Goulart, proibido de retornar ao país. Começamos a ouvir a Rádio Farroupilhas, que era capitaneada pelo governador do Rio Grande do Sul na época, Leonel de Moura Brizola, e nos tornamos “Brizolistas”. Acho que esse foi o primeiro passo nacionalista, mais à esquerda, mais democrático que demos. Não podemos dizer que Brizola era um comunista ou simpatizante comunista, de jeito nenhum; ele era um galgueiro, era um clarividente, fez aquela luta que desarmou o país. Nós nos inscrevemos na Polícia Militar de Goiás, porque o Governo de Goiás também “cerrou fileiras” para a posse de “Jango” como vice, que teve como solução a adoção do parlamentarismo através de Tancredo Neves.

A partir daí que a minha militância se deu mais ainda à esquerda. Na época do governo Jango existia uma liberdade muito grande. As organizações e os partidos de esquerda como o Pezão, o PC do B, a Ação Popular, que depois se desdobraram em diversas correntes, tinham muita mobilidade e liberdade de expressão, de atividades; elas não eram legalmente enquadradas, mas eram legalmente suportadas.

Em 1963 eu já era simpatizante de uma organização de esquerda, a Organização Marxista Política Operária, sinteticamente conhecida por POLOP - um grupo bem postado, de homens formados pela Escola Brasileira de Administração Pública, antiga EBAP. Vindos da EBAP, vieram fazer parte da mudança estrutural do esquema administrativo do governo Mauro Borges. Dentre essas pessoas que estavam na EBAP, estava Piragibe Castro Alves, o Guido de Belo Horizonte; Eveline Singer, casada na época com Paul Singer, que já era mãe de André Singer que foi recentemente porta-voz do Presidente da República. Goianos eram o Cleuler Loyola, já falecido; o irmão dele, Gleil; Juarez de Brito Guimarães e Maria do Carmo, esposa dele. Fomentaram o primeiro núcleo da POLOP em Goiás. Eu era simpatizante, depois me tornei militante.

Juarez, Piragibe, Eveline, Guido, Cleuler Loyola, e algumas outras pessoas que me fugiram da memória, vieram para tentar mudar a estrutura administrativa do Estado, contratados pelo

plano MB – Mauro Borges, governador da época. Eles tinham uma posição ideológica definida e começaram a montar o grupo da POLOP em Goiás.

Pessoalmente eu tinha uma simpatia imensa por Eveline, pois ela tinha uma mente brilhante, era uma brilhante professora; eu tinha dificuldades escolares de segundo grau e ela me colocava as matérias dentro da cabeça. Pra ela era ainda mais fácil. Jovem idealizava as diversas pessoas que falavam bonito, que falavam o lógico, que mostravam que o caminho e a salvação do mundo não era só por Cristo, mas também por Marx.

O Marxismo nesse nível era uma opção de fé; não só de convencimento, mas também de fé. Era fácil a pessoa que vinha de origem religiosa, ter também a fé ideológica. A visão daquela época era uma, hoje é outra; mas na época eu era ainda rapaz, ainda muito novo e inexperiente; e, principalmente, muito idealista.

1964

Minha vinculação com a POLOP em todo esse período era via Universidade de Brasília. Tinha o Rui Mauro Marini, tinha o Teotônio, que depois foi candidato a governador pelo PDT, sociólogos e economistas. Em São Paulo eram o Emir Sader e o Eder Sader, falecido irmão de Emir, jornalista conhecido; e eventualmente, na POLOP, tinha o alemão que era adido cultural da embaixada e também um dos mentores da POLOP no Rio de Janeiro.

Eu participei de um congresso da POLOP, às vésperas do Golpe, na Faculdade de Filosofia da USP, do outro lado do Mackenzie, que era o ambiente da extrema direita universitária de São Paulo, da elite econômica de São Paulo. Nós discutíamos, às vésperas do Golpe, a possibilidade e o perigo do Golpe que estava eminente. Ainda recebemos a visita de um agente do DOPS que dizia que estávamos sendo vigiados e que o golpe estava vindo naquele momento. Nós não acreditamos, pois éramos muito teóricos, elaborávamos muitas teorias desassociadas com a vida real. O Golpe pegou todo mundo de “calça curta”.

Houve o golpe, mas o golpe aconteceu de maneira meio imprevista, eles não tinham um plano elaborado de prender e liquidar todos ao mesmo tempo; ele não foi tão bem planejado como foi o de 1973, no Chile, do Allende. O golpe no Brasil foi em decorrência de fatos que passaram fora do controle dos próprios golpistas. E o famoso esquema militar do Assis Brasil, chefe da Casa Militar de João Goulart, mostrou que estava tudo “furado”.

A primeira etapa do Golpe foi mais branda, pois não fechou toda a censura, não foi tão violento na primeira etapa, ele não era tão planejado. A intelectualidade podia se manifestar; o teatro de opinião, as grandes peças teatrais de contestação - O Rei da Vela, o Chico Buarque compondo suas músicas, criando suas peças; Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha; o resíduo do teatro da UNE, Teatro Popular, CPC – Centro Popular de Cultura. Foi uma época efervescente, interessantíssima, brilhante e criativa. Ali Nara Leão adoentou-se e não pode participar, foi quando surgiu Maria Betânia na peça “Opinião”. São coisas que guardamos para o resto da vida.

Foi com o tempo que as forças ultradireitistas, mais reacionárias puderam se infiltrar e criar os DOI-CODIS e as execuções sumárias, como foi a execução sumária da Guerrilha do

Araguaia. Nós, e eu pessoalmente, nos desiludimos com certos conceitos ideológicos, visões políticas do Brasil e da América Latina.

GUERRILHA DO ARAGUAIA

Um velho militante comunista de Uberlândia - Artan de Azevedo, que doou e criou o Instituto Artan de Azevedo, pai do “Afraninho” que foi o cirurgião plástico do Capitão Lamarca, militante antigo do Partidão e religioso - me deu em mãos, na Igreja da Avenida Paranaíba com a Araguaia, um manifesto dos guerrilheiros do Araguaia. Foi aí que ficamos sabendo da guerrilha, através da literatura clandestina. Isso nos trouxe uma esperança: há uma resistência; pensávamos isso tudo vai acabar. E os “liquidaram”, foi um erro político enorme a Guerrilha do Araguaia.

Onde foram fazer a Guerrilha? Era igual, em proporções muito menores, a nossa experiência no Sudoeste: nós não tínhamos armas, não tínhamos munições, não tínhamos estrategistas militares, não tínhamos nada; não tínhamos convivência, experiência, não éramos do local, queríamos cair com paraquedistas no meio de uma região para tentar convencer como libertadores da humanidade. A Guerrilha foi vítima disso, de uma distorção política da visão da guerra revolucionária. Só deu munição para a extrema direita. O General Hugo Abreu foi quem comandou e mandou que matassem a todos. Hugo Abreu era o chefe da Casa Militar do Presidente Geisel, que com Golbery foi um dos mentores da distensão política. Eles viveram em uma encruzilhada. O ministro da Guerra, Silvio de Abreu, foi chefe disso tudo. O Ednardo, comandante do Segundo Exército onde morreram Vlado e Manoel Filho assassinados, foi munição para eles, foi “bucha de canhão”.

Minha experiência não foi só com a Guerrilha do Araguaia. Tiveram as tentativas da Serra do Caparaó, do Vale da Ribeira, em locais teoricamente muito mais propícios a isso, com maior densidade populacional, próximos a segmentos urbanos maiores, pois o país já estava totalmente urbanizado, não era um país rural, já não era mais um país proeminente rural. Acredito que as experiências mostraram o que aconteceu, as experiências falam por si.

LUTAS E RESISTÊNCIA

Pouca gente sabe que tentamos através do Ângelo, do Ismael e do Brício Cordeiro, que foi militante de todas as organizações com o filho dele Nelton, um núcleo de Guerrilha no Sudoeste de Goiás, abaixo de Rio Verde, depois de Jataí, logo após o Golpe, em 1965-1966.

Achávamos que lá estava uma área de futuro crescimento agropecuário, que no momento era muito isolado e que podia permitir um treinamento militar real. Sem nenhum instrutor militar, sem ninguém com experiência militar. Se tivéssemos, por exemplo, um oficial, um suboficial, um sargento ou cabo de qualquer unidade das Forças Armadas especialista em treinamentos, mas não tínhamos nada disso. Nem experiência de recruta do Exército tínhamos. Eu, por exemplo, não fui recruta do Exército. Com muita dificuldade de assistência, de manutenção deles, de víveres, de alimento, de sobrevivência, de munição, e nem era munição para

treinamento, era munição para sobrevivência, para caça, pois eles estavam isolados como um bando de bichos no mato. Até que ele sozinho se desmanchou. Nós não dávamos conta, não fizemos uma estratégia militar correta, estávamos longe disso; só existia no coração e na vontade. Mas a situação foi até engraçada. Certa vez uma manada de caititu afugentou os bravos guerrilheiros que estavam lá. Comprávamos era carabina, era revólver usado, aquela famosa “papo amarelo”, coisa que não foi para frente, coisa de amador, de paixão, de ilusão.

Hoje nós vimos que a queda da ditadura não foi pela luta armada. Foi pelo amplo movimento de luta pelas liberdades democráticas em que o papel da Igreja Católica foi também importante - de segmentos da Igreja Católica, como dom Paulo Evaristo Arns, dom Elder; aqui em Goiás o Padre Pereira era o representante dessa ala da igreja; movimentos protestantes como daquele pastor metodista do Rio de Janeiro, ou o próprio Sobel, que era o líder da Comunidade Israelista Brasileira, mais as divisões internas dentro das próprias Forças Armadas, a conceituação de visão política e econômica. Por que o que foi o governo Geisel, o governo militar? Eles estatizaram o Estado num movimento militar golpista que defendia a propriedade privada e a desestatização da economia. Eles fizeram o inverso. Entraram em choque também com os interesses da burguesia nacional, do capital industrial, bancário e agropecuário e os ventos mudaram. Caía-se a ditadura na Europa, a de Portugal, a da Espanha, e elegia-se um presidente americano extremamente preocupado com a defesa do ser humano, Jimmy Carter. Ele mandou sua esposa ao Brasil, Rosalynn Carter, para cumprir a missão de relações humanas, de direitos humanos. O presidente da época, o General de plantão Geisel, engoliu-a a seco. Depois que ele saiu da presidência - morava em Teresópolis, a história está aí, Hélio Castro conta - se recusou a atender os telefonemas do casal até depois deles saírem da presidência americana, devido à raiva que havia passado.

Houve uma forte liquidação dos quadros da esquerda revolucionária e mesmo da esquerda não revolucionária, do Pczão, do partidão. Surgiram novas lideranças e dentre essas novas lideranças criou-se o PT; criou-se uma nova forma sindical no ABC, e o Lula foi a maior expressão disso. Ele foi comunista, nunca foi socialista. Ele disse também em entrevista recente que nunca foi esquerdista. Isso fez parte da luta da descompressão política, mas era útil também ao regime. O partidão sempre dominou as lutas sindicais operárias no Rio, em São Paulo, no Sudoeste industrializado. Era bom que isso tivesse outras mãos, era bom para a igreja que isso acontecesse, e aconteceu.

PERSEGUIÇÕES E PUNIÇÕES

Do ponto de vista emocional o Golpe foi um choque. As prisões, as demissões, as torturas, mesmo que no primeiro instante as torturas não fossem disseminadas com Ato Institucional nº1. Eu fui vítima do AI1. Eu era funcionário público concursado no governo do estado de Goiás e fui demitido pelo governador da época, Mauro Borges, porque eu já estava fichado no DOPS local. Para nós foi uma situação de terror, mesmo não tendo sofrido a violência física nesta primeira etapa, nós sentíamos a discriminação social. Na minha cidade, por exemplo, Inhumas, de onde nós mudamos dia 15 de julho de 1974, as pessoas se apavoravam ao ver um comunista, um perseguido na rua. Fugiam como se fôssemos leprosos. Uma das razões que fizeram com que meu pai mudasse de lá foi a perseguição. Numa cidade pequena a maledicência andava muito rápido.

A perda do trabalho, a impossibilidade de outros trabalhos legais, o fechamento de linhas de crédito, principalmente dos bancos oficiais, tudo muito forte. A legalidade do trabalho ainda era muito difícil. À medida que o golpe avançava a discriminação e a perseguição prática também aumentavam. Mesmo se você não fosse de fato proibido por lei, por decreto, por algum documento que o impedisse trabalhar, o Serviço Secreto do Governo informava às instituições de crédito, às organizações constituídas quais eram os elementos perigosos, porque eles não podiam ter acesso ao trabalho, nem a nada. Caíamos na informalidade do trabalho. Eu caí na informalidade do trabalho e acabei me tornando corretor de imóveis, porque o corretor não tinha um trabalho fixo, não tinha vinculação trabalhista, não tinha a obrigação trabalhista por parte de quem contratasse seu trabalho e só ganhava se produzisse a venda.

Parei a faculdade de Ciências Sociais. Eu tinha um projeto de fazer macroeconomia especializando-me na Alemanha Oriental, através da professora Eveline Eller Singer que me encaminhou na época. Destruí esse plano, mas em 1968 consegui me formar em Direito na Faculdade de Direito Federal. Foram padrinho e patrono da turma, Juscelino Kubitschek e o Professor Samuel Pinto. O ex-presidente Juscelino Kubitschek foi preso no Rio de Janeiro para não participar da cerimônia. E o Professor Doutor Samuel Pinto, emérita figura humana desse país, que em Goiás nós tínhamos o correspondente que era o doutor Rômulo Gonçalves, foi preso no Hotel Bandeirantes. Nós não nos formamos em protesto as prisões dos nossos paraninfos. Não houve cerimônia, foi suspensa em protesto. Vinte anos depois esta mesma turma, no mesmo local, com o mesmo orador, que era José Marcelino, com o mesmo discurso, que ele guardou por duas décadas, realiza a cerimônia no Teatro Goiânia. Comemoramos com um jantar em um restaurante local.

O golpe fez com que tivéssemos uma atividade política maior. Na primeira etapa do golpe, na primeira etapa do AI-1, AI-2, AI-3 a POLOP enraizou-se em Goiás. Participaram estudantes, operários de prestação de serviços; nem sempre operários registrados como operários, mas como encanador, eletricitista.

Lembrarei agora daqueles que fizeram parte da nossa associação e são anistiados hoje como nós: Roberto Prateado, Adilson Luiz - um eletricitista outro encanador - eles trabalhavam com carteira assinada eventualmente, pois a indústria da construção civil é muito sazonalizada, ainda mais naquela época. E estudantes como Rafton Nascimento Leão foram também simpatizantes militantes. Alguns outros amigos como Luiz Antero, Valterli Leite Guedes, hoje jornalista, Ângelo, que foi vereador em Goiânia; e Ismael da Silva Bizuca.

Eu fui preso em 1964. Minha primeira prisão se deu pelo DOPS local. O delegado do DOPS na época era o doutor Jurandir Rodovalho. Ele não foi um sujeito mau; pelo menos com quem eu vi, e comigo, inclusive. Fiquei uma semana mais ou menos na prisão. Ela ficava na, hoje, Avenida Independência. Na Casa de Prisão provisória éramos presos e misturados aos presos comuns.

Iniciou-se um processo pela 7ª CSM e eu respondi a esse processo junto à Justiça Militar. A região era Juiz de Fora, Quarta Região Militar sediada em Juiz de Fora. Doutor Rômulo Gonçalves foi nosso advogado na época. Nesse processo foi envolvida uma militância nossa na cidade de Inhumas, onde eu nasci; e na cidade de Itauçu. Em Itauçu militava um velho companheiro do Pczão, o Bailão. Ele quis fazer o trabalho de sindicatos legais camponeses. Começou por volta de 1962 e terminou em 1966-1967 com o fim do protesto. Nós, também,

começamos a montar um sindicato legal de camponeses em Inhumas, ao mesmo tempo em que já tínhamos fundado dois Grupos dos Onze na cidade. Então, o movimento camponês operário na cidade de Inhumas e Itauçu era feito com origem no movimento de resistência Brizolista ao golpe militar tentado em 1961 com a não posse do vice-presidente João Goulart.

Quem realmente eram essas pessoas que militavam lá? Eram camponeses, meeiros do campo ou pequenos semi-operários; por exemplo, sapateiros ou alguns profissionais que trabalhavam com funilaria. Eles não chegavam a ter uma relação de trabalho assalariada, eram autônomos. Todos esses participaram do mesmo processo e tiveram o mesmo advogado, Dr. Rômulo Gonçalves. Incluo ainda um amigo meu de infância e adolescência e militante daquela época na área do Grupo dos Onze de Inhumas, que era Salim Calil. Era um pequeno comerciante que praticamente foi à falência por pressões fiscais do governo pós-golpe militar. Ninguém resistia à pressão de uma fiscalização tributária e ele era um micro comerciante. Era uma miscelânea de pessoas que sobreviviam com o próprio trabalho manual, físico; camponês ou autônomo na cidade. Tivemos esse processo do qual o Dr. Rômulo conseguiu nos livrar. Ele conseguiu trancá-lo junto ao Supremo Tribunal Militar, que naquele tempo ainda funcionava com certa independência, através de um habeas-corpus.

Para ser justo, o Doutor Rômulo, recentemente falecido, quando percebeu que meu pai era médico e que eu tinha alguma condição de pagar as custas, e o Salim, um pequeno comerciante que tinha algum recurso, ele disse: todos vocês não têm condições de me pagar, mas esses dois vão pagar por vocês para que, pelo menos, eu pague as custas processuais. Doutor Rômulo era um homem de uma grandeza, de uma generosidade anormal.

Na segunda vez fui preso pela Polícia Federal e preso no Exército daqui, antigo 10º BC, por mais ou menos um mês. O PCdoB em Goiás tinha sido desmantelado recentemente. E nós já tínhamos recebido informações por pessoas do PCdoB que havia sido presas, que o pessoal da repressão mandou avisar que o próximo grupo a cair seria a POLOP. Naquele tempo eu tinha uma livraria com um já falecido ex-sócio, eu fui preso na entrada da livraria, na Rua 6, no Centro.

Meu pai ficou extremamente aborrecido com as minhas duas prisões. Ele era anticomunista; era um fervoroso cristão, achava que o comunismo fazia do ser humano um simples monte de carne e ossos, mas brigava pelo filho. Ele fez um tumulto, fez uma gritaria muito grande, foi até a chefia da Polícia Federal em Brasília, movimentou até o Movimento Anticomunista em Goiás para ir me defender através do Dr. Manoel dos Reis e Silva. Dizia que era coisa de menino, menino bom.

Minha prisão e meu sofrimento talvez diminuíram por essas circunstâncias, e o comandante do 10ºBC na época foi acessível a isso. Falaram-me, informação genérica que chegou até mim, que o próprio comandante, que não me lembro do nome, foi colocado na Reserva por não ter tido atitudes radicais; ele não era um membro do DOI-CODI, por exemplo.

Após o golpe militar essa estrutura básica que formou a POLOP em Goiás foi dissolvida através da intervenção militar no estado, o término do Governo Mauro Borges e a implantação do governo militar, a intervenção do Marechal Emilio Ribas; todas essas pessoas foram demitidas, só algumas sobreviveram. Lembro-me bem quem sobreviveu e passou mais ou menos incólume sobre tudo isso, que era um dos simpatizantes militantes, não sei como classificá-lo corretamente, mas muito ligado ao pessoal da POLOP, que foi o Paulo Vachequi; ele continuou sua vida legal e não foi punido. Alguns outros mudaram de opinião e eu deixo de citar o nome deles; eu sei, mas não quero citar.

Piragibe voltou para o Mato Grosso; Guido voltou para Belo Horizonte. Maria do Carmo com Juarez foram para o Rio de Janeiro e entraram na luta armada. Eu não presenciei, eu conheço muito da história principalmente porque nossos companheiros relataram esses fatos. Havia um pacto entre o casal de que se fossem presos - eles achavam que inexoravelmente eles seriam assassinados ou barbaramente torturados – eles se suicidariam para não entregarem nenhum companheiro e nem sofrerem a violência física com dor insuportável. Juarez manteve o pacto e se suicidou com um tiro na cabeça. Maria do Carmo não fez, ela preferiu optar pela vida, ela está viva, não a vejo há muitos anos. Casou-se novamente, entrou em um grupo de troca dos prisioneiros pelo sequestro do embaixador americano - primeiro sequestro que existiu no país. Está aí em jornais, na história, a fotografia e os filmes dela e da turma em que o Gabeira participou.

ANISTIA

A Anistia foi um processo de luta, foi um processo que saiu às ruas, começou com essa distensão do Golbery e Geisel. Na realidade ela começou do lado da direita, do lado da ditadura. Porque tinha que se distender; o modelo já estava se esgotando, as forças econômicas do país estavam exigindo a mentalidade política. As grandes massas foram para as ruas; o MDB e a OAB tiveram um papel importantíssimo, todos eles somados. Os estudantes, principalmente os universitários, capitanearam uma grande frente dessa luta.

Naquele tempo nós no geral tivemos o fim dos nossos sonhos; foi o onze de setembro de 1973, foi o fim dos meus sonhos, o golpe militar e a morte de Allende, o golpe do Pinochet. Nós ainda sonhávamos e ouvíamos a rádio de Cuba ou a rádio Moscou dizendo o general Prats está subindo do sul do Chile com uma coluna do exército para derrotar os golpistas. Era conversa, foi mentira. Ali nós integramos profundamente na luta do MDB, na luta política pela a redemocratização, pela anistia; foi quando veio a anistia de agosto de 1979, quando começaram a voltar os primeiros brasileiros que estavam fora do país. Voltaram os grandes políticos exilados; voltou Brizola, voltou Arraes e militantes como Gabeira. Aqui em Goiás voltaram Nezo, Tarzan e foi uma festa democrática, uma alegria democrática a luta pela anistia; e depois pelas eleições com o Diretas Já, outro grande movimento que envolveu a população com o coração.

O tempo é pouco para relatar todas as emoções que vivemos. Em algum momento falamos até de forma confusa sobre tudo que passou, acabamos por atropelar a ordem das coisas e também dos sentimentos, mas alguns fatos são fundamentais nessas quatro, cinco décadas: a luta pela posse de João Goulart; o Golpe de 64; o AI-5; o exílio de milhões de brasileiros; o exílio de milhões de brasileiros aqui dentro, eu me considero exilado, autoexílio - você estava isolado e eliminado da sua terra; e os grandes movimentos de massa que resultaram na anistia de 1979; a abertura política; as eleições para os governos estaduais; ao Diretas Já; e, por fim, até a queda de Collor. Isso nos marcou profundamente e nos mostra que a humanidade é muito mais otimista do que possamos imaginar.

Nada derrota o direito à liberdade, o direito à democracia e o direito à vida. Esta é a lição que temos que ter: o amanhã sempre será melhor que o hoje.